

INTERVENÇÃO INTERNACIONAL NA PRIMAVERA ÁRABE

RIAD DA COSTA MAGALHÃES SILVA¹; RICARDO ROCHA DE VASCONCELLOS³

1 Universidade Federal de Pelotas 1 – riad_magalhaes@hotmail.com 1

3 Universidade Federal de Pelotas – ricvas@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Depois de um período “fora dos holofotes” o Oriente Médio volta à chamar atenção da comunidade internacional, em 2011, com a Primavera Árabe. Uma série de revoltas com reivindicações semelhantes, sendo a principal delas a queda dos ditadores e a instauração da democracia, além de outros objetivos óbvios, quanto a qualidade de vida etc. Mas será a Primavera Árabe uma reação espontânea “[...] fruto do choque entre a mudança social modernizadora e democratizante e os regimes autoritários e desgastados.” (VISENTINI, 2012), quase como o processo universal da democracia, idealizado por Tocqueville, chegando ao Oriente Médio? Ou ela não passa de uma maneira pela qual as potências ocidentais estão renovando suas influências em um Oriente Médio instável que pode a qualquer momento colocar em risco a política de petróleo e estratégica de diversos agentes internacionais importantes? O presente trabalho busca elucidar a questão da Primavera Árabe pela perspectiva da intervenção internacional, sem deixar de lado os outros ângulos pelos quais o tema pode ser visto. Questões como o papel das potências ocidentais nas revoluções, a maneira como influenciaram e o porquê disso são muito importantes no cenário geopolítico atual, que conta com a ascensão dos BRIC'S que até pouco tempo não assombravam a OTAN e a competição energética acirrada. Sem contar a importância teórica do estudo da Primavera Árabe, que passado 3 anos ainda não apresenta resultados definitivos. O pilar teórico desta parte da pesquisa é a obra “From Dictatorship to Democracy” de Gene Sharp, onde o autor prescreve técnicas não violentas que podem ser usadas para derrubar uma ditadura e criar as bases para uma democracia duradoura. A obra é usada como referência pois, comparando a mesma com informações presentes no artigo “O Verão Árabe: guerra civil e intervenção internacional na Líbia, Síria e Iêmen”, é possível destacar a ligação dos acontecimentos da Primavera Árabe com os métodos de Gene Sharp, usados, como veremos, principalmente pelos Estados Unidos.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada é a de pesquisa, análise e sistematização de material bibliográfico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo do já citado artigo do prof. Visentini o trabalho tem apontado para duas faces da intervenção internacional na Primavera Árabe. Por um lado vemos potências da UE, assim como os USA e até mesmo países emergentes dos

BRIC'S defendendo seus interesses de uma maneira mais direta no Oriente Médio, ou seja, intervenção armada (como Inglaterra e França na Líbia) ou por pressão política (sanções e lobby diplomático entre os países para aprovar medidas, contra o governo que estiver em questão, na ONU).

O outro lado ao qual me refiro não é tão evidente ou tão óbvio quanto o primeiro (afinal não é novidade alguma a disputa das potências no Oriente Médio em função do geopolítica do petróleo), porém essa face é ainda mais importante para o que vimos no Oriente Médio a partir de 2011. Refiro-me à estratégia de mudança de regime não violenta que vem sendo utilizada como arma política principalmente pelos EUA.

Até o momento o trabalho relaciona dados gerais em relação ao uso dessa técnica nas ditaduras árabes, sem focar em países específicos. Mesmo assim é claro o uso da técnica deturpada do seu sentido primordial. Digo isso pois a maneira como ocorreram os fatos, corresponde ao que é traçado por Gene Sharp na obra "From Dictatorship to Democracy", porém de maneira muito menos espontânea, com uma interferência muito maior do que a que deveria existir de interesses internacionais.

Gene Sharp idealiza que o movimento insurgente deve partir de iniciativa e ter a participação apenas da sociedade civil, ele analisa por uma visão utilitarista todos os passos que devem ser dados pela população para se livrar da ditadura, de uma maneira que evite o sofrimento da população no processo. Assim como diz que "[...] se um Estado estrangeiro intervir, ele provavelmente não será confiável." (SHARP, 2010), pois ele frequentemente buscará seus próprios interesses, que variam, assim como a maneira como eles vão buscar isso, podem tentar até mesmo assumir o controle econômico, político ou militar do país, como alerta Sharp (2010).

Já as manifestações com caráter revolucionário que surgiram a partir de 2011 não partiram da sociedade civil em si, ao menos não da maneira que deveriam partir, mas sim de pessoas que apareceram como "lideranças", fortemente ligadas aos EUA ou à instituições ligadas ao país do norte da América. (VISENTINI, 2012) Dando um caráter imperialista as revoluções e mudando a realidade que antes, em muitos países, era de antiamericanismo (pois os USA criaram, com suas intervenções armadas esse sentimento na população árabe em geral) para uma despreocupação total quanto ao tema, de uma maneira que elas não demonstravam a realidade social, não eram os interesses nacionais, da população que estavam ali.

Os fatos recentes no Oriente Médio apresentam certos aspectos bastante próximos da construção teórica de Sharp mas, por outro lado, em outros aspectos distanciam-se fortemente desse modelo. E isso ficou mais fácil de entender a medida que percebemos a técnica sendo usada como uma arma, por um país que pretende mudar sua imagem no Oriente Médio e refazer sua política externa em função de aliados desgastados e da concorrência cada vez maior dos BRIC'S na política mundial.

4. CONCLUSÕES

O trabalho busca mostrar o papel da intervenção internacional na Primavera Árabe de uma maneira que foge da convencional, colocando a influência externa não apenas como guias de manifestações populares, ajudando este a se rebelar



na busca por seus objetivos, mas também como propulsora de interesses externos nas práticas que proporcionaram que essas manifestações ocorressem. Foram, provavelmente, manifestações muito menos espontâneas ou civis do que se imaginava, algo que parte de um planejamento muito longo, que estabelece bases para que a grande estratégia possa ser aplicada. Fatores técnicos apontados na obra “From Dictatorship to Democracy” foram relacionados com os acontecimentos no Oriente Médio, como o uso de líderes, o incentivo à população para não cooperar contra a ditadura e o uso da mídia internacional para denegrir a imagem da Ditadura. São as formas atuais de intervenção, menos evidentes mas talvez mais perigosas do que a intervenção explícita de tempos atrás.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RODRÍGUEZ, A. R. Revoluciones de color, no violencia y movimientos sociales: Otpor in Serbia. **CIDOB d'Afers Internacionals**, Barcelona, n. 105, p. 89 – 116, 2014.

SHARP, G. **From dictatorship to democracy**. Boston: The Albert Einstein Institution, 2010.

VISENTINI, P. F. O Verão Árabe: guerra civil e intervenção internacional na Líbia, Síria e Iêmen. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 51, p. 57 – 79, 2012

WEFFORT, F. C. **Os Clássicos da Política**. São Paulo: Ática S.A., 1995. 1v

WEFFORT, F. C. **Os Clássicos da Política**. São Paulo: Ática S.A., 1995. 2v